

Evangelização em terras amazônicas: adversidades e desafios a partir da realidade da diocese de Rio Branco

*Matheus Santos da Silva*¹

Resumo: O processo de evangelização nas terras amazônicas aconteceu e ainda acontece em meio a inúmeras dificuldades somadas a adversidades quase rotineiras do território e do povo amazônico. A Diocese de Rio Branco ainda sofre com uma certa ineficácia do processo de evangelização, ineficácia que não pode atribuir totalmente a si mesma enquanto primeira responsável pela propagação do Evangelho. Na verdade, esta Igreja subjaz a muitos desafios com os quais ainda não consegue competir, e dos quais ela vê à mercê os povos mais vulneráveis do contexto amazônico, a saber, indígenas, ribeirinhos e habitantes da floresta. Partindo dessa realidade o presente trabalho pretende expor os principais desafios e adversidades que condicionam a evangelização nas terras amazônicas tendo como base sólida a realidade da Diocese de Rio Branco. O percurso metodológico se baseará em pesquisa bibliográfica através de obras que compreendem a História da Diocese de Rio Branco e a Exortação Apostólica Pós-sinodal Querida Amazônia, como recursos que evidenciam os reais problemas e trazem à luz diretrizes que auxiliam na tentativa de contorná-los. Numa realidade tão desafiadora, o sujeito da evangelização ainda não consegue se impor sobre as dificuldades, resta apenas tentar contorná-las para que o trabalho pastoral seja suficiente aos mais carentes do Evangelho, ou ao menos em partes essenciais como tem sido até hoje.

Palavras-chave: Evangelização. Indígenas. Pastoral. Ribeirinhos.

INTRODUÇÃO

A evangelização tomou rumos diversos na história da Igreja, mas sem se desviar do princípio fundamental que se origina do próprio Mestre: ir a todos os recantos do mundo e anunciar a Boa-nova do reino de Deus. “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28, 19-20). O mandato de Jesus é aquilo que implica a própria natureza da Igreja: ela é missionária porque é continuadora da missão iniciada em Cristo, e porque Nele tem todo o seu fundamento.

Ao obedecer ao mandato de Jesus Cristo, a Igreja se estabeleceu sem, no entanto, perder a dinâmica do “pôr-se a caminho”, indo até os mais recônditos lugares e anunciando o Evangelho. Na verdade, formaram-se as “bases” para que se pudesse alimentar as comunidades evangelizadas e, de lá, também se pudesse nutrir e subsidiar a missão nas terras ainda não evangelizadas. Nesse processo, há que se destacar sempre o impulso do Espírito conduzindo a Igreja na sua missão e salvaguardando a sua natureza sacramental.

¹ Bacharelando do curso de Teologia pela Faculdade Diocesana São José – FADISI. E-mail: matheussantos1968@gmail.com

A Amazônia, enquanto terra de missão, deixa transparecer o esforço da Igreja que, por sua vez, se preocupou com a realidade de povos totalmente abandonados à própria sorte, colocando-se como última e, na maioria das vezes, única defensora. Fazendo florescer o dom missionário, a Igreja trouxe alento e esperança a um lugar tão desprovido de ambos, um lugar que, apesar da beleza, apresentava-se inospitaleiro até para os próprios habitantes. Não há como se medir o árduo trabalho que se apresentava tendo em conta todos os desafios e adversidades do território amazônico, mas sabe-se que foi um trabalho de muito sofrimento, de muitas batalhas contra inúmeras mazelas e contra os sistemas vigentes.

Apesar de tudo, a evangelização na Amazônia não cessou porque, como recorda o Documento de Aparecida (n.18) “Conhecer a Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher”. Essa tarefa constitui um processo que vai se renovando de acordo com as necessidades das localidades e dos tempos e que o Papa Francisco reforça veementemente: “Esse anúncio deve ressoar constantemente na Amazônia, expresso em muitas modalidades distintas” (*Querida Amazônia*, n. 64).

A diferença epocal é que os “núcleos fundamentais” atualmente se encontram aqui, dentro do território amazônico, frutos de um primeiro e doloroso trabalho de evangelização. A diocese de Rio Branco, na sua particularidade diante do vasto cenário, e como uma base de sustentação, é colaboradora da perpetuidade da missão na Amazônia. Ela carrega na sua história as marcas de tantos sofrimentos, tantas angústias, mas também carrega a vitalidade pastoral de um anúncio que “caiu em terra boa e produziu fruto” (Mt 13,8).

1 REALIDADE AMAZÔNICA

A Amazônia se apresenta no cenário mundial como um rico bioma, “um todo plurinacional interligado, um grande bioma partilhado por nove países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Guiana Francesa” (*Querida Amazônia*, n. 5). Ela se destaca por ser a maior floresta tropical e abrigar a maior bacia hidrográfica do mundo. Na sua imensidão existe uma diversidade natural quase incomensurável, e quanto se tem em conta a infinidade real da fauna e da flora, é que se pode ter uma noção do quão difícil é tentar conter essa realidade nos parâmetros dos números.

No aspecto populacional a Amazônia também é bastante diversa sendo caracterizada por uma intensa miscigenação de povos. Os nativos, sem sombra de dúvida, são os povos indígenas que se dividem em várias etnias espalhadas pelo amplo território. É possível descrevê-los como povos que ainda conseguem se manter no seu *habitat* natural e manter a identidade originária com culturas próprias e modo de viver característico. O Papa Francisco vai além e reforça a naturalidade da vida desses povos e a sua comunhão com a natureza:

[...] os povos indígenas da Amazônia expressam a autêntica qualidade de vida como um “bem-viver”, que implica uma harmonia pessoal,

familiar, comunitária e cósmica e manifesta-se no seu modo comunitário de conceber a existência, na capacidade de encontrar alegria e plenitude em uma vida austera e simples, bem como no cuidado responsável da natureza que preserva os recursos para as gerações futuras. Sabem ser felizes com o pouco, gozam dos pequenos dons de Deus sem acumular tantas coisas, não destroem sem necessidade, preservam os ecossistemas e reconhecem que a terra, ao mesmo tempo que se oferece para sustentar a sua vida, como uma fonte generosa, tem um sentido materno que suscita respeitosa ternura (*Querida Amazônia*, n. 71).

As palavras do Papa Francisco traduzem, na inteireza, a identidade originária dos povos indígenas que, necessitam, por sua própria essência, viver aquilo que ele diz do próprio Jesus, o qual “vivia em plena harmonia com a criação” (*Laudato Si*, n. 98). Porém, olhando a realidade atual, a cada dia se torna mais difícil, para esses povos, preservar a autenticidade da sua cultura, principalmente naquela vivência que é regada pela profunda intimidade entre seus membros e em relação a natureza. Eles já não conseguem manter o isolamento costumeiro, de modo que, a cultura agressiva das cidades adentra o seu ambiente causando um grave problema para a manutenção da sua identidade.

De outro lado, existe o povo oriundo do processo de ocupação das terras amazônicas, em sua maioria, descendentes de imigrantes nordestinos que vieram em busca de melhoria de vida, na época dos ciclos da borracha. A Amazônia brasileira (parte fundamental que se enfatiza nesse trabalho) abriga essa grande diversidade. Os indígenas não são mais a maioria: alguns ainda conseguem se manter em comunidades isoladas, já os demais, pouco a pouco vão se misturando às cidades, vítimas de um processo gradativo surgido nos primórdios do “povoamento”. A maioria da população é fruto da miscigenação entre povos indígenas, imigrantes de outras regiões do Brasil, negros e até povos estrangeiros.

Esses povos concentram-se principalmente nas cidades e nos seus arredores. Os que ainda resistem à urbanização, seja pelo caráter cultural, seja pela subsistência, habitam ao longo dos rios ou até no interior da grande floresta. À exceção de alguns povos indígenas que preferem se isolar, é nítida a existência do problema social que está na raiz do isolamento dos demais povos que se enfileiram nas terras às margens dos rios.

A história mostra a vida de um povo marcado pela dureza do trabalho, pelas adversidades da natureza inóspita e pela falta de comunicação e integração social. Um povo que sofreu as consequências da ambição desmedida, atentando contra os direitos mais elementares. (PERTÍÑEZ, 2018, p. 1)

São pessoas que não conseguiram ou não conseguem subsistir nas cidades e são obrigadas a procurar condições de vida em localidades muito remotas. Ali, exercem atividades extrativistas como a animal e a vegetal, isoladas de tudo. A realidade amazônica é degradante.

Se um dia as condições do grande bioma eram os únicos empecilhos para a vida de seus habitantes, hoje, os problemas sociais, culturais e políticos mostram sua força de forma voraz.

2 EVANGELIZAR EM TERRAS AMAZÔNICAS: PRINCIPAIS DESAFIOS

A evangelização nas terras amazônicas aconteceu paulatinamente num processo de missão protagonizado por missionários religiosos que ousaram se aventurar pela densa floresta enfrentando desafios diversos. Eles não sucumbiram e logo “a sociedade, aos poucos, iniciou uma nova vida, mais promissória e cheia de expectativas. E, junto com ela, a Igreja começou a viver tempos novos e também mais esperançosos” (PERTÍÑEZ, 2018, p. 2). O Papa Francisco faz ressoar aquela adesão íntima de cada missionário que aqui se desdobrou e que sempre retorna ao cumprimento do mandato do próprio Senhor:

Eles têm direito ao anúncio do Evangelho, sobretudo àquele primeiro anúncio que se chama querigma e “é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra. É o anúncio de um Deus que ama infinitamente cada ser humano, que manifestou plenamente este amor em Cristo crucificado por nós e ressuscitado na nossa vida (*Querida Amazônia*, n. 64).

Para se considerar tudo o que está relacionado a este imenso território em questão de desafios e adversidades que dificultaram e ainda dificultam a caminhada pastoral e o progresso da própria Igreja local é preciso considerar os seguintes problemas: em primeiro lugar, não existe uma grande população, fator que poderia facilitar a atividade missionária; em segundo lugar, há os elementos que alongaram esse processo: a trafegabilidade que ocorreu e ainda ocorre mais intensamente pelos rios e que, por sua vez, são muito longos; diretamente ligadas ao problema da trafegabilidade estão as grandes distâncias entre as diversas localidades ribeirinhas; a pouca disponibilidade de missionários e padres para o trabalho pastoral, e a sua baixa imunidade às muitas comorbidades amazônicas; os sistemas vigentes nas localidades de povoamento. São esses e muitos outros problemas que aqui dificultaram o anúncio do evangelho.

Mesmo enfrentando tantas dificuldades, o trabalho pastoral nunca cessou. Foram melhorando as condições de viagem nos rios, a população ribeirinha e indígena foi acolhendo o evangelho conforme o seu modo de ser e a sua cultura e daí foi-se implantando os núcleos fundamentais da evangelização.

3 DIOCESE DE RIO BRANCO: MISSÃO, DESAFIOS E ADVERSIDADES

A diocese de Rio Branco é fruto dos mesmos sonhos e sofrimentos daqueles que se ocuparam com os povos indefesos e isolados que residiam aqui na Amazônia.² Sua população é constituída, sobretudo, por imigrantes nordestinos que foram tirados de sua terra-natal com a promessa de melhores condições de vida e de trabalho abundante.

A história da Igreja na região acreana, antigo território boliviano, nasceu a partir da segunda metade do século XIX, com a febre da extração da borracha, dando origem ao famoso “I Ciclo da Borracha”. Homens desbravadores, vindos de todo o Brasil, principalmente do Nordeste brasileiro, foram os primeiros a pisar estas terras desconhecidas e, que junto aos diferentes povos indígenas que já moravam na região, constituíram o novo povo que daria origem à antiga Prelazia de São Peregrino Laziosi, com a chegada dos primeiros Servos de Maria e o primeiro bispo Dom Próspero M. Bernardi. (PERTÍÑEZ, 2018, p.1)

No território amazônico, esses desbravadores foram espalhados pelos seringais, formando uma população totalmente dispersa ao longo dos grandes rios e igarapés. Dispersos, eles não podiam formar comunidades, o que sempre impossibilitou um trabalho pastoral estruturado e mais intenso.

Esse período compreende a gestação da diocese de Rio Branco que só passa a ser uma circunscrição eclesial independente a partir do ano 1919.³ Criada a prelazia, chegaram os religiosos Servos de Maria, designados para o trabalho pastoral.⁴ Os religiosos eram padres e missionários totalmente desconhecedores da realidade amazônica, e tão logo sofreram com as doenças, e depois, com a própria religiosidade praticada pelo povo. Contudo, foram homens corajosos que não se abalaram diante das grandes dificuldades e formaram uma base sólida para a edificação da Igreja local.

2 A vida e a história da Igreja se mistura com a vida do seringal, com suas problemáticas, com seus árduos trabalhos, com a exploração dos seringueiros, com o analfabetismo dominante, com a falta de atenção médica, com o abandono de governantes e com as dificuldades de comunicação e transporte. PERTÍÑEZ FERNÁNDEZ, Joaquín. História da Diocese de Rio Branco: Parte I. Rio Branco: Gráfica e Editora Estrela, 2018.

3 Foi, assim, que no dia 04 de outubro de 1919 com a Bula *Ecclesiae universae regimen*, desmembrando da extensa Diocese de Manaus erigia em *Prelatura Nullius* a nova Prelazia do Alto Acre e Alto Purus, compreendendo as Províncias do Alto Acre e Alto Purus e com os limites de Estado do Amazonas, Território Alto Tarauacá, República Boliviana e República Peruana. PERTÍÑEZ FERNÁNDEZ, Joaquín. Igreja, povo de Deus, na Prelazia do Acre e Purus. Rio Branco: Gráfica e Editora Estrela, 2018.

4 Por um entendimento acordado entre a Sagrada Congregação Consistorial, em maio e junho de 1919, a Prelazia do Alto Acre e Purus foi entregue à Ordem dos Servos de Maria com a Bula *Commissum humilitati nostrae* de 15 de dezembro de 1919. Com essa Bula a nova Prelazia era confiada a um membro da Ordem. O candidato apresentado à Congregação foi o Revmo. Pe. Próspero Gustavo M. Bernardi, passando assim a ser o primeiro bispo da nova Prelazia criada. Ele, junto com outros três religiosos, foram os que começaram a árdua missão de instaurar a Igreja local no Acre, a partir de agosto de 1920. PERTÍÑEZ FERNÁNDEZ, Joaquín. Igreja, povo de Deus, na Prelazia do Acre e Purus. Rio Branco: Gráfica e Editora Estrela, 2018.

Até esse tempo, esses territórios que compreendem a atual diocese estavam sob a jurisdição eclesiástica da diocese de Manaus localizada a milhares de quilômetros de distância. O pastoreio ocorria por meio das desobrigas, visitas feitas pelos padres para a celebração dos sacramentos. Eram visitas rápidas, sem tempo até para uma pequena catequese, dando-se sempre prioridade à celebração dos sacramentos. Assim relata Pertiñez (2018, p. 1-2):

Apesar dos problemas de toda classe, os primeiros missionários colocaram os alicerces da Igreja no Acre, com um duro trabalho pastoral através das famosas desobrigas, dando atenção a todo o povo espalhado pelos inumeráveis rios e igarapés, e chegando até os últimos lugares dos seringais, para não deixar ninguém sem os principais sacramentos.

Devido as longas distâncias a serem percorridas nos rios, os padres passavam meses navegando, parando de seringal em seringal, numa visita rápida, para poder atender a grande demanda e “cumprir a sua missão”. “Ao mesmo tempo, não media esforço para levar o pessoal aos sacramentos: fazia questão de parar o barco cada vez que no barranco aparecia um barraco de seringueiro” (PERTÍÑEZ, 2018, p. 127).

Com o passar do tempo, o sistema de “pastoral da desobriga” vai se desintensificando. Esse processo de desintensificação acontece ao passo que a população vai se concentrando nas cidades, ou vai formando comunidades ao longo das localidades ribeirinhas e na própria floresta. A partir desses núcleos é possível trabalhar uma pastoral mais organizada, num contato mais próximo do padre e dos agentes de pastoral com o povo. Sendo assim, já é possível vislumbrar um sistema paroquial bem estruturado abrangendo as diversas comunidades do imenso território. E disso se conclui que já há um trabalho com objetivos mais diretos e específicos de acordo com as necessidades apresentadas.

Formar comunidades era o objetivo principal de toda a atividade paroquial, junto com a formação dos leigos. As viagens eram numerosas e os meios eram todos os possíveis e imagináveis, para poder chegar até os mais afastados lugares. Muitas vezes era o cavalo, outras os barco ou canoa, e outras era o pé, com a mochila nas costas. Mas missão devia ser cumprida. (PERTÍÑEZ, 2019, p. 101)

Hoje, na diocese, ainda são necessárias as desobrigas, elas continuam longas, custosas e caras. Tudo isso porque ainda existem muitas comunidades isoladas, ainda se sofre com as longas distâncias dos rios, estradas enlameadas e varadouros; ainda se sofre com o pequeno número de padres para a grande demanda de trabalho; ainda se utiliza o cavalo, o barco ou a canoa, ainda se anda algumas dezenas de quilômetros para alcançar uma comunidade.

Outros problemas que afligiram e ainda persistem no processo de evangelização da diocese são: a grande falha educacional que condiciona ao mínimo envolvimento dos leigos no trabalho pastoral. São poucos os leigos que se aventuram com comprometimento,

assumindo as responsabilidades e necessidades pastorais. Nas cidades renascem os velhos problemas sociais que carecem uma maior atenção da Igreja que, por sua vez não dispõe de muitos agentes qualificados e comprometidos. Infelizmente não se pode resolver de imediato, e muito menos num contexto em que inexistem políticas públicas eficientes que tragam soluções para esses problemas.

CONCLUSÃO

Olhando a atual realidade, vê-se que ainda existem parcelas da população se aventurando floresta adentro em busca da própria sobrevivência. São pessoas que adentram a mata em muitos quilômetros para cultivar uma porção de terra e possuí-la de imediato, geralmente, pessoas que não resistiram ao sistema degradante das cidades e só lhes resta esta opção. Para poderem ter acesso ao local de subsistência, fazem varadouros, caminhos dentro da mata pouco convencionais até para caminhar. Quando muito conseguem, o governo abre uma estrada de terra na qual a trafegabilidade é quase impossível para automóveis durante o período das chuvas. Essa dura realidade combinada a escassez de padres reduz ao mínimo o trabalho pastoral, e em algumas localidades ele é quase inexistente. São poucas as localidades nas quais existe energia elétrica e muito menos internet.

Como o avanço dos meios de comunicação, já existe na diocese um processo de evangelização por meio das redes sociais, do rádio e da TV. No entanto, ainda é muito restrito ao espaço das cidades, sendo que o povo pertencente ao meio rural e os ribeirinhos, em sua maioria, estão conectados apenas pelo rádio. São condições que limitam ainda mais a evangelização.

O contexto de pandemia serviu para evidenciar esses condicionamentos. A realidade pastoral se mostrou num nível aquém daquilo que é desejado. E, vale salientar, não é por razão de um trabalho ineficiente, o trabalho pastoral existe e é executado com eficiência, porém, os empecilhos externos quebram a continuidade dele na *práxis* do povo e impedem que as bases sólidas sejam estabelecidas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 5., 2007, Aparecida do Norte. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe* : 13-31 de maio de 2007. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2011.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013- : Francisco). *Carta encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013- : Francisco). *Exortação apostólica pós-sinodal "Querida Amazônia"*. São Paulo: Paulinas, 2020.

PERTÍÑEZ FERNÁNDEZ, Joaquín. *Igreja, povo de Deus, na Prelazia do Acre e Purus*. Rio Branco: Gráfica e Editora Estrela, 2018.

_____. *História da Diocese de Rio Branco – Parte I*. Rio Branco: Gráfica e Editora Estrela, 2018.

_____. *História da Diocese de Rio Branco – Parte IV*. Rio Branco: Gráfica e Editora Estrela, 2019.